

# **ARGÉLIA E A QUESTÃO COLONIAL: interpretações sobre o colonialismo**

Thiago Henrique Sampaio\*

**RESUMO:** É inegável os impactos da Guerra de Libertação da Argélia no continente africano e para própria França. Seus longos anos de conflito impactaram diversos movimentos de libertação colonial em África e causaram uma ruptura política profunda na França. O presente trabalho tem por objetivo analisar os posicionamentos de Sartre, Frantz Fanon e Bourdieu em seus escritos analisando as consequências do colonialismo francês em Argélia e os impactos da guerra para o colonizador e o colonizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerra de Libertação da Argélia; Sartre; Fanon; Bourdieu; Colonialismo.

## **Algeria and the colonial question: interpretations on colonialism**

**ABSTRACT:** The impact of the Algeria's Liberation War on the African continent and for France itself is undeniable. His long years of conflict have impacted various colonial liberation movements in Africa and caused a profound political breakup in France. This research aims to analyze the thought of Sartre, Frantz Fanon and Bourdieu in his writings analyzing the consequences of French colonialism in Algeria and the impacts of war on the colonizer and the colonized.

**KEYWORDS:** Algeria's Liberation War; Sartre; Fanon; Bourdieu; Colonialism.

## **Argelia y la cuestión colonial: interpretaciones sobre el colonialismo**

**RESUMEN:** Es innegable los impactos de la Guerra de Liberación de Argelia en el continente africano y para Francia. Sus largos años de conflicto impactaron diversos movimientos de liberación colonial en África y causaron una ruptura política profunda en Francia. El presente trabajo tiene por objetivo analizar los posicionamientos de Sartre, Frantz Fanon y Bourdieu en sus escritos analizando las consecuencias del colonialismo francés en Argelia y los impactos de la guerra para el colonizador y el colonizado.

**PALABRAS CLAVE:** Guerra de Liberación de Argelia; Sartre; Fanon; Bourdieu; Colonialismo.

\*Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/Assis. Atualmente é professor no curso de Pós-Graduação MBA de Gestão em Políticas Sociais da Universidade Paulista - UNIP. Contato: R. Camilo Colíder, 136, Cordeiro, CEP: 50721-220, Recife-PE, Brasil. E-mail: thiago.sampaio92@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9423-8949>.

## A longa dominação colonial francesa na Argélia

Após a Segunda Guerra Mundial ocorreu uma forte agitação nos Impérios Coloniais Europeus, diversas colônias começaram a reivindicar suas independências. A Guerra de Independência da Argélia faz parte dos movimentos de libertação colonial que ganharam força na segunda metade do século XX.

A Argélia fazia parte do Império Colonial Francês desde 1830, mas diferente de outras colônias francófonas, ela era tratada como um prolongamento da França<sup>1</sup>.

Desde o século XVI, a Argélia fazia parte do Império Otomano, era uma região estratégica dos turcos na região do Magreb para atacar transportes marítimos europeus<sup>2</sup>. A Argélia era a principal área de pirataria no Mediterrâneo até a ocupação francesa em 1830.

Em 1827, após um período comercial com a região de Argel, os franceses usam como pretexto um desentendimento de seu cônsul com a autoridade local para começar a atacar e bloquear a costa mediterrânea na localidade. Rapidamente as tropas do representante otomano são derrotadas, o que desencadeia uma resistência interior generalizada no território argelino.

No interior, o emir Abd El Kader resistiu e manteve uma ampla independência na região durante alguns anos. Em 1847, esse líder local é capturado pelas tropas francesas tornando-se uma lenda e inspiração ao povo argelino. Como assinalou Mustafa Yasbek<sup>3</sup>, a captura de Abd El Kader não significava o fim das resistências local, a “tradição libertária das tribos dos desertos e montanhas iria prolonga-la até 1871, ano da última grande insurreição” contra a França.

Em 1848, os territórios argelinos foram reorganizados em três departamentos. A França distribuiu entre os colonos enviados para Argélia terras expropriadas da população local. Com a lei Warnier, de 1873, o governo francês passou a regularizar a expropriação local de terras dos nativos.

A Argélia, até início do século XX, representava uma enorme extensão de terras ocupadas por árabes e berberes de maioria muçulmana. Com a anexação da área, a França decretou, em 1865, que todo argelino que renunciasse seu estatuto civil de muçulmano passaria a ter imediato reconhecimento da cidadania francesa. Poucas pessoas aderiram a legislação, o que evidenciava uma resistência local a dominação colonial<sup>4</sup>.

A Argélia foi tratada como colônia de povoamento pelos franceses. A França incentivou a emigração de camponeses pobres para a localidade que ficaram conhecidos como *pieds-noirs*, pés negros em francês.

Na década de 1860, Napoleão III concedeu o direito da cidadania francesa a população local da Argélia e, em 1870, deu estatuto civil aos judeus que migraram para a localidade. Entretanto, os colonos franceses não aceitaram serem tratados da mesma forma que os nativos. Para resolver o embate em 1881 foi publicada uma legislação para distinguir os cidadãos franceses (origem de europeia) dos nativos (que ganharam a cidadania), estes últimos acabaram privados de seus direitos políticos.

Uma das formas de dominação empregada pela França a população argelina foi a obrigatoriedade do francês como língua oficial e única nos estabelecimentos de ensino, a língua árabe foi tratada como idioma estrangeiro e ocorreu proibição de publicações de livros, panfletos ou qualquer material que estivesse na língua local.

Os princípios seculares foram abandonados durante a dominação da Argélia, os colonizadores franceses aplicaram leis que os muçulmanos não poderiam ascender socialmente ou participarem politicamente da administração local. Entretanto, a medida que avançava a colonização, aumentava-se o processo de assimilação da elite argelina.

A elite local passou a solicitar cada vez mais espaços para participar nas decisões administrativas da região. Em 1898, foi promulgada a autonomia administrativa e financeira da Argélia com a criação de uma Assembleia local eleita pelos muçulmanos e os colonizadores<sup>5</sup>. A participação nas eleições era restrita, pois apenas os portadores da cidadania francesa podiam participar.

Até a década de 1930, o controle da Argélia ficou nas mãos dos colonizadores franceses que habitavam a localidade. Possuíam representantes na Assembleia Nacional Francesa, mas não considerava os interesses da população árabe nos processos administrativos da colônia.

Nas décadas de 1920 e 1930 começou a formação de movimentos nacionalistas, decorrente de estudantes que passaram a fazer sua formação na França e com o maior acesso a conhecimento retornam a Argélia defendendo melhorias sociais e maior igualdade para seu povo. O Partido Comunista teve papel fundamental na formação do nacionalismo argelino, seguiu as diretrizes do Partido Comunista Francês, mas foi declarado ilegal em 1939.

Em 1936, aconteceu o Congresso Muçulmano que reivindicou através de uma carta melhorias sociais, respeito ao estatuto pessoal muçulmano e igualdade nas questões administrativas. Léon Blun, então presidente da França, respondeu parcialmente as demandas reivindicadas pelos argelinos, elaborou uma lei que concedia o direito de voto a membros da elite muçulmano sem a necessidade de abandonar os direitos religiosos.

Posteriormente, em 1937, foi criado o Partido do Povo Argelino (PPA) que defendia a imediata independência da Argélia. Nessa época foi organizado a Federação dos Muçulmanos Eleitos (FME), diferente do PPA, reivindicou a incorporação dos processos políticos para os argelinos conseguirem os mesmos direitos dos colonos, sem pedir a independência do país.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a luta de libertação colonial se intensificou em diversos territórios dos Impérios Coloniais Europeus, houve articulação de movimentos que reivindicavam a independência incondicional como alternativa para seus povos ou melhor participação na decisões administrativas<sup>6</sup>.

Em 1941, um dos principais líderes nacionalista argelino, Ferhat Abbas, enviou uma carta ao presidente da França de Vichy, Marechal Pétain, apresentou propostas sobre assimilação e a possibilidade da formação de uma confederação com a França. Em 1943, Abbas lançou o Manifesto do Povo Argelino fundamentado na busca da autodeterminação da Argélia e a condenação do colonialismo francês<sup>7</sup>.

No desenrolar do conflito mundial, diversos soldados argelinos participaram para combater o Eixo acreditando que o país teria sua independência e seria libertado do colonialismo francês após a vitória dos Aliados. Eles acreditaram nas promessas<sup>8</sup> feitas por comandantes da França Livre e que foram defendidas por De Gaulle. Com o final da Segunda Guerra, a França não concedeu a independência da Argélia, o que acarretou diversas manifestações nas maiores cidades, duramente reprimidas por tropas francesas.

Uma das maiores manifestações reprimidas ocorreu na cidade de Sétif quando a população muçulmana participou de um desfile em 8 de maio de 1945 para comemorar a vitória dos Aliados e defendendo as promessas de independência da França, bandeiras associadas ao nacionalismo argelino foram carregadas. As promessas não cumpridas pela França e a repressão gerou descontentamento entre a população local, fazendo com que os colonizados atacassem centros de colonização o que acarretou a morte de colonos europeus.

Em 1946 aconteceu a promulgação de uma nova Constituição na França, permitiu-se a representação das colônias no Parlamento. No mesmo ano, Ferhat Abbas constituiu a União Democrática do Manifesto Argelino com o objetivo de participar dos espaços políticos para eleger o maior número de representantes para o parlamento local e francês<sup>9</sup>.

No ano de 1947, foi promulgado o Estatuto da Argélia que estabelecia uma administração autônoma com representações parlamentar junto a Assembleia Francesa, onde as decisões continuariam a ser tomadas. Esse regulamento em nenhum momento tocava na independência política. A Argélia ficaria sobre a administração de um governador geral e por

uma assembleia eleita por colégio eleitoral composto de franceses e muçulmanos, com o mesmo número de deputados e senadores no parlamento francês<sup>10</sup>.

Em 1948, os franceses utilizaram medidas repressivas contra candidatos nacionalistas (como prisões) para impedir a suas vitórias. O mesmo se sucedeu nas eleições de 1951, diferente das medidas ilegais anteriormente postas em práticas, os movimentos nacionalistas argelinos reagiram e iniciaram uma insurreição, dando início a Guerra de Libertação Argelina. De acordo com Raymond Aron<sup>11</sup>, a Guerra da Argélia não foi um conflito como os outros.

### **A luta de libertação argelina**

Mesmo com diversas revoltas no território argelino, a França não desistiu do controle colonial na localidade. Os membros do governo francês defendiam o ideal de “Argélia Francesa”, ou seja, a Argélia era parte inseparável do estado francês. Assim, era defendido “todos os meios para salvar a França”<sup>12</sup>.

Nos anos de 1950, ocorreu a descoberta de gás natural e petróleo no Saara fortalecendo o discurso de Argélia Francesa. A França dispunha, pela primeira vez, de grande quantidade de combustível natural em seus territórios. Assim, todas as decisões tomadas durante a guerra de libertação da Argélia foram baseadas na captação que a França poderia ter com uma política petrolífera. Raymond Aron<sup>13</sup> assinalou que as tentativa da França de manter o domínio colonial em Argélia após a descoberta petrolífera foram infiéis a ela mesma, pois foi contrário a seus princípios históricos e esforçou ao máximo para manter os laços indissolúveis entre a colônia e a metrópole. Para Aron, o lucro vindo do petróleo seria insuficiente para atender as demandas de uma população que carência de cuidados e estava em ritmo de crescimento:

*La découverte du pétrole au Sahara change toutes les perspectives? Admirable virtude schiffres ignorés! Admettons que les richesses en pétrole du Sahara soient aussi considérables qu'on le dit. On aurait encore tort d'imaginer que les profits venant du pétrole suffiront à résoudre le problème économique de une population à croissance rapide<sup>14</sup>.*

O autor acrescentou ainda que a luta de libertação argelina significava a reivindicação de direitos individuais da população nativa contra a dominação estrangeira e não apenas a reivindicação de direitos políticos<sup>15</sup>.

Os movimentos nacionalistas foram fortemente apoiados pela população que ajudou a fortalecer a reivindicação de independência do país. A participação das pessoas no apoio a

luta de libertação foi em decorrência das péssimas condições de vida que se encontrava a maioria do povo argelino, a brutalidade do colonialismo e o descaso do governo francês.

Em junho de 1954 foi fundado o Comitê Revolucionário de Unidade e Ação (CRUA) que era um grupo que reuniu diversos grupos nacionalistas e contou com a participação dos nove líderes da independência da Argélia<sup>16</sup>. Em outubro é fundado no Cairo pelo CRUA a Frente de Libertação Nacional (FLN) que desempenhou papel de organização política e militar para a libertação colonial argelina. A maioria dos partidos nacionalistas se dissolveu e integraram-se a FLN. Em 1º de novembro de 1954 teve início a Guerra de Independência da Argélia. Com o conflito, o território argelino foi dividido em cinco distritos militares, chamados *wilaya*, cada área foi designada um dos líderes históricos<sup>17</sup>. A Tunísia e o Marrocos foram os principais países que apoiaram a FLN com suprimentos ao longo da guerra.

No decorrer do conflito, a FLN manifestou o caso da independência da Argélia para a ONU, medida apoiada por países árabes, africanos, asiáticos e socialistas. Além de ajuda internacional, esses países apoiaram a Argélia com fornecimento de armas, ajuda na capacitação militar e financiamento de empréstimos. Na Conferência de Bandung, de 1955, a FLN enviou seus membros para participar das discussões sobre o colonialismo europeu e o movimento de descolonização. Após essa reunião, a França reconheceu algumas particularidades do território argelino dando certa autonomia, mas a FLN não aceitou as medidas e não concordaria com propostas que não fossem a autodeterminação da Argélia.

No Primeiro Congresso da FLN, em 1956, no vale da Soummam na Cabília, participaram membros de diversas áreas da Argélia, onde foram debatidas as questões políticas e econômicas acerca das perspectivas do futuro do país. Adotou como meta ao final do encontro a criação de uma ordem socialista que conduziria o país a seu desenvolvimento. Uma das primeiras medidas que seria tomada era uma ampla reforma agrária.

Na França o conflito com a Argélia teve considerável impacto político, amplos poderes foram dados aos generais para conduzirem a questão. Estratégias como o reagrupamento de cidades para desorganizar o apoio popular a FLN e causar terrorismo psicológico tornou-se uma medida comum, tinha o claro objetivo de enfraquecer o apoio da população a independência.

Em 1958, os generais na Argélia se revoltaram, o que desencadeou uma forte crise política na França. Eles exigiam a volta de De Gaulle, acreditavam que o ex-presidente fosse capaz de assegurar a vitória francesa com a colônia. Ao assumir o poder, De Gaulle teve apoio de grandes companhias financeiras e os colonos franceses<sup>18</sup>.

Uma das primeiras medidas prometidas por De Gaulle foi o Plano de Constantine que visava a industrialização da Argélia e garantir melhorias significativas para a população, era uma forma de conter os anseios de emancipação. O plano tinha como objetivos a redistribuição de terras agrícolas, criação de postos de trabalho industrial, educação garantida para as crianças, habitações para a população árabe e maior participação da população nativa na administração do território. As empresas privadas tinham incentivos, dentro do plano de industrialização, para investirem na Argélia, principalmente as do setor de hidrocarbonetos para acelerarem a produção petrolífera<sup>19</sup>.

Em 19 de setembro de 1958, a FLN proclamou a formação de um governo no exílio em Cairo. De Gaulle, após sucessivas derrotas francesas, aceitou abrir negociações sobre o destino político da Argélia.

As negociações entre a França e a Argélia não foram aceitas pelos colonos. Diante disso, foi criado em 1961 a Organização Armada Secreta (OAS) que possuía como objetivo a preservação da Argélia como colônia francesa. O grupo cometeu diversos atos terroristas contra a população árabe.

Em 1962, foi assinado entre a FLN e a França o Acordo de Évian que anunciava um cessar-fogo e garantiu um referendo sobre o destino político da Argélia. A consulta foi realizada em julho do mesmo ano e contou com ampla participação da população, o resultado foi que 75% eram favoráveis a independência do país.

Nos últimos meses de dominação colonial francesa, a OAS organizou diversos atentados e massacres o que impossibilitou a permanência da população europeia na Argélia, o que desencadeou um maciço deslocamento populacional dos colonos ao seu país de origem. A independência da Argélia significou o término da dominação colonial francesa na região do Magreb.

### **A colonização e a desumanização do colonizado: Sartre e o colonialismo**

*Ninguém ignora hoje que arruinamos, matamos de fome, massacrados um povo de pobres, para que ele caísse de joelhos. Ele permaneceu de pé<sup>20</sup>.*

Jean-Paul Sartre teve um papel de destaque no pós-Segunda Guerra nos posicionamentos contrários ao colonialismo e a situação dos países do “Terceiro Mundo”. A partir de 1956, Sartre e o grupo da revista *Les Temps Modernes*<sup>21</sup> posicionaram contrários a dominação francesa e a ideia de Argélia Francesa, apoiaram o desejo de emancipação do povo

argelino. A revista estimulou constantemente denúncias sobre diversos aspectos do conflito, entre os quais a violência perpetuada pelos colonialistas e a prática de tortura utilizada nos nativos.

A posição de Sartre e do período trouxeram várias consequências, como sofreu um ataque terrorista em seu apartamento e a sede da revista ser atacada cinco vezes por membros da Organização Armada Secreta.

Sartre interpretou a Guerra de Independência da Argélia como uma experiência da luta de classes: a burguesa colonialista francesa contra o campesinato representado pelo Exército da Frente de Libertação Nacional<sup>22</sup>. O problema do colonialismo francês em Argélia foi encarado sobre três aspectos: econômicos, psicológico e social. Os problemas econômicos eram consequência direta da exploração do território e pouco investimento da França. As dificuldades sociais eram resultados de uma política segregacionista de impedir a ascensão social dos árabes. As causas psicológicas eram devidas ao complexo de inferioridade do colonizado diante do colonizador, medidas adotadas pelo colonialismo tratavam o dominado como uma criatura inferior ao dominador<sup>23</sup>.

Era notado pelo escritor que a vida da população argelina era de uma miséria insuportável, mas as reformas necessárias para melhorar a vida dos colonizados não poderiam ser feitas por bons colonos ou pela França. Sartre<sup>24</sup> defendia que as melhorias que deveriam ser feitas na localidade deveria ser levadas pelo próprio povo argelino, quando conquistasse sua independência.

Segundo Sartre<sup>25</sup>, uma das primeiras medidas que o colonialismo tomou na Argélia foi o enfraquecimento das tribos existentes para conseguir a exploração total do território. Ao aplicar o código civil francês a população muçulmana houve um grande enfraquecimento interno das sociedades nativas. Com a decadência das comunidades locais ocorreu a conquista de áreas cultiváveis cada vez maiores. Em 1850 os colonos dominavam 11.500 hectares e um século depois o total era de 2.703.000 hectares. Para Sartre, a lógica das terras tomadas funcionara da seguinte forma:

O Estado francês entrega a terra árabe aos colonos para criar-lhes um poder de compra que permita aos industriais metropolitanos vender-lhes seus produtos, os colonos vendem aos mercados da metrópole os frutos da terra roubada<sup>26</sup>.

O despojamento da população local das suas áreas cultiváveis era uma estratégia do colonialismo francês. A França entregava aos colonos a terra conquistada para criar-lhes o poder de compra necessário para que os industriais franceses pudessem vender seus produtos



para a localidade, criava-se a possibilidade de comercialização da colônia com a metrópole. Sartre<sup>27</sup> afirmava que “os colonos vendem aos mercados da metrópole os frutos dessa terra roubada”.

De acordo com Sartre, com a tomada de terras e o afrancesamento que foi empregado na Argélia, a antiga sociedade tribal teve sua estrutura quebrada. A lógica dessas medidas funcionava da seguinte forma:

Primeiramente porque suprimias as forças de resistência e substituías as forças coletivas por uma poeira de indivíduos, em seguida, por que criava a mão de obra (pelo menos enquanto a cultura não estava mecanizada), esta mão de obra somente permite compensar as despesas do transporte, ela só preserva as margens beneficiárias das empresas coloniais em face de economias metropolitanas, cujo custo de produção não cessa de baixar. Desse modo a colonização transformou a população argelina num imenso proletariado agrícola. Puderam dizer dos argelinos: são os mesmos homens de 1830 e que trabalham nas mesmas terras, simplesmente, em lugar de possuí-las, eles são escravos daqueles que as possuem<sup>28</sup>.

Em um primeiro momento, de acordo com Sartre, a França quando conquistou a Argélia não sabia bem o que fazer com a localidade conquistada. Assim, o envio da população camponesa francesa era uma forma de “espalhar sobre a África os excessos dos países europeus”<sup>29</sup>.

Outros efeitos danosos relacionados a terra foram assinalados por Sartre, entre os anos de 1927 e 1932, a viticultura ganhou 173.000 hectares, dos quais metade foi tomada dos muçulmanos. Além disso, a área destinada a produção de cereais a cada habitante da população local caiu pra menos da metade entre 1871 (5 quintais de cereais) a 1945 (2 quintais)<sup>30</sup>.

Com a falta de terras cultiváveis e recursos para a sobrevivência, os argelinos iniciaram um processo de migração para a França em busca de empregos e melhores condições de vida, buscando na metrópole aquilo que foi tomado em sua terra natal<sup>31</sup>. Sartre acreditava que havia uma lógica dentro do sistema colonial para desalojar os indivíduos de suas terras e transformá-los em proletários em um mercado sem condições de fornecer emprego:

Nada mostra melhor o rigor crescente do sistema colonial: começam por ocupar o país, depois tomam as terras e exploram os antigos proprietários com tarifas de fome. E depois, com a mecanização, essa mão de obra torna-se ainda mais cara; acabam por tirar aos indígenas até o direito de trabalhar. O argelino em sua casa, num país em plena prosperidade, tem apenas que morrer de fome<sup>32</sup>.

Ao longo do colonialismo, a língua foi utilizada como uma forma de dominação dos colonizadores sobre os colonizados. No caso da Argélia não foi diferente, Sartre observava que a proibição do árabe era uma maneira de controlar o nacionalismo:

Isto entra necessariamente no sistema colonialista, que tenta barrar a estrada da história dos colonizados, como as reivindicações nacionais, na Europa são sempre apoiadas na unidade da língua, negaram aos muçulmanos o uso da própria língua. Desde 1830, a língua árabe foi considerada na Argélia como uma língua estrangeira, falam-se ainda, mas ela não é língua escrita, senão eventualmente<sup>33</sup>.

O racismo foi um dos principais instrumentos empregados pelo colonialismo. De acordo com Sartre:

O racismo já está aí, levado pela práxis colonialista engendrado a cada minuto pelo aparelho colonial mantido por essas relações de produção que definem duas espécies de indivíduos: para uns, o privilégio e a humanidade não são senão, eles se tornam homens pelo livre exercício de seus direitos; para outros, a ausência de direitos sanciona sua miséria, sua fome crônica, sua ignorância, enfim sua sub-humanidade<sup>34</sup>.

A desumanização era uma das formas de dominar a população nativa. Sartre<sup>35</sup> acreditava que o colono não podia deixar de seguir sistematicamente a desumanização do colonizado, pois havia uma identificação do colonizador com a estrutura colonial. O terror e a exploração era uma das formas empregadas para ocorrer progressivamente os efeitos da desumanização.

No prefácio que escreveu na obra *Os condenados da terra*, Sartre<sup>36</sup> salientava que o colonizado não era tratado com um ser humano. O colonialismo buscava rebaixar os habitantes dos territórios anexados ao nível de animais para justificar que o colono os tratasse como “bestas de carga”. Assim, a violência colonial não tinha apenas o objetivo de garantir o respeito perante os subjugados, mas desumanizá-los. A colonização não poupava nada, liquidava-se as tradições para substituir a língua do colonizado pelo do colonizador e destruir suas culturas sem colocar nada no lugar.

Sartre acreditava que o processo de desumanização que o colonizado era submetido era uma espécie de “domesticação”, mas esse processo normalmente é interrompido em seu percurso. Para ele:

Quando domesticamos um membro de nossa espécie, diminuímos o seu rendimento e, por pouco que lhe demos, um homem reduzido à condição de animal doméstico acaba por custar mais do que produz. Por esse motivo os colonos veem-se obrigados a parar a domesticação no meio do caminho: o resultado, nem homem nem animal, é o indígena<sup>37</sup>.

A Guerra de Independência da Argélia fez parte do despertar nacionalista dos povos afro-asiáticos na segunda metade do século XX. No caso argelino, a forma de exploração colonial foi uma das mais brutais que existiu, pois levava os nativos colonizados a perderem seu próprio caráter humano com a forma de submissão que conviviam. Sartre defendia que a guerra era uma das últimas alternativas para os argelinos, não restava mais nada a eles perderem e que o desespero os levou acreditar na solução armada:

Sub-alimentados, incultos, miseráveis, o sistema os rechaçava, impiedosamente para os confins do Saara, para os limites do humano; sob o aumento demográfico, seu nível de vida abaixava de um ano para outro. Quando o desespero os levou à revolta, precisava que extinguissem, esses sub-homens, ou que afirmassem sua humanidade contra nós: rejeitaram todos os nossos valores, nossa cultura, nossas pretensas superioridade: foi o mesmo para eles reivindicar o título de homem e recusar a nacionalidade francesa<sup>38</sup>.

No caso do nacionalismo argelino, foram devidas reações as segregações e lutas cotidianas que se forçou sua personalidade. Ele não foi uma simples revivência de antigas tradições, mas o meio encontrado pelo seu povo para fazer cessar sua exploração da dominação francesa<sup>39</sup>.

A colonização, para Sartre, não era um conjunto de acasos, nem de resultados de milhares de empresas, mas sim um sistema que se valorizou a partir da segunda metade de Oitocentos e começou seus primeiros resultados por volta de 1880. Seu declínio começou depois da Primeira Guerra Mundial e, nos pós-Segunda Guerra, voltava-se contra as nações colonizadoras. Assim, o caso da Argélia era “lamentavelmente o exemplo mais claro e mais legível do sistema colonial”<sup>40</sup>.

Sartre defendia que a Guerra de Libertação da Argélia possuiu um caráter político e militar. No aspecto militar, o poder dos generais no território argelino conseguiu influenciar na recondução do ex-presidente De Gaulle de volta ao poder. Sua natureza política era devido a possibilidade da França mostrar suas capacidade de enfrentar um povo colonizados, após as humilhações que sofreu na Segunda Guerra Mundial<sup>41</sup>.

No desenrolar do conflito, o sistema colonial francês começou a empregar medidas cada vez mais duras e desumanas para a população local. O emprego da violência era uma consequência direta quando ficou visível a derrotada dos colonizadores franceses para os argelinos. Para Sartre, o que dava força para a população era as lembranças do massacre de Sétif e isso foi fundamental para determinar a derrota francesa na guerra:

No momento em que ia nascer o Tribunal de Nuremberg, os franceses massacraram em Sétif setenta mil argelinos. (...) Exterminando a esse subproletariado, se

arruinaram a si mesmos. Por não poder liquidar a população argelina nem poder integrá-la, os franceses perderam a guerra da Argélia<sup>42</sup>.

A guerra seria uma mostra do enfraquecimento do sistema colonial. Pois, o “sistema enfraquece por si mesmo e, sem esforço, todas as tentativas de organização não pode se manter senão conservando-se cada dia mais duro, mais desumano”<sup>43</sup>. Assim, o colonialismo durante uma guerra se tornaria mais bárbaro, a violência e brutalidade empregadas nos conflitos era uma característica dos seus momentos finais.

Sartre acreditava que o sistema colonial não era uma estrutura abstrata, era preciso compreendê-lo. Para ele, as lógicas daquele mecanismo existir e funcionar era manter a sua intransigência<sup>44</sup>.

A lógica do sistema colonial poderia ser compreendida pelos seus efeitos e práticas na realidade. Suas consequências poderiam ser vistas e sentidas até hoje nas antigas colônias através das guerras civis, forte dependência das antigas metrópoles e disputa por poder entre grupos rivais seriam resultados direto do colonialismo europeu, de acordo com a perspectiva de Sartre.

Quando o colonialismo está prestes a terminar, a metrópole e a colônia são vítimas de seu enfraquecimento. Tudo que foi lucrado com aquele sistema é perdido pela país colonizador para manter a colonização. A colônia enfraquece junto com o emprego da violência exercida pelos colonizadores<sup>45</sup>.

O referendo para decidir o futuro da Argélia, para Sartre, seu resultado mostrou a insatisfação francesa perante o conflito. As famílias francesas estavam cansadas de perder seus membros na Guerra. Sartre interpretava o referendo como uma forma de preservar uma suposta paz conquistada e a possibilidade do exército francês continuar por um tempo determinado na Argélia<sup>46</sup>.

Sartre percebeu que as consequências políticas, econômicas e sociais da guerra tornaram a França e a Argélia perdedoras. Para ele, o conflito só teve um vencedor real que foi De Gaulle que reconduziu-se como presidente francês e formou a V República Francesa, substituindo o parlamentarismo para o semipresidencialismo<sup>47</sup>.

## De psiquiatra a militante: Frantz Fanon e a Argélia

*É preciso que eu diga a você que vi camponeses enxugar as lágrimas das próprias esposas que tinham sido violentadas diante deles<sup>48</sup>.*

Frantz Fanon foi um psiquiatra e, posteriormente, revolucionário na Guerra de Independência da Argélia. Seus estudos são de grande relevância para os estudos pós-coloniais e a maior parte de sua vasta obra foi realizada durante sua atuação como membro na Frente de Libertação Nacional da Argélia.

Fanon nasceu em Forte de France, Martinica em 1925. Na década de 1940 alistou no exército francês na luta contra o Eixo na Segunda Guerra, posteriormente mudou-se para Lyon para a realização de seus estudos sobre medicina e psiquiatria.

Nos anos de 1950 escreveu seu principal texto que seria usado para seu doutoramento, *Peles negras, máscaras brancas*, mas seu trabalho foi recusado pela comissão avaliadora. No ano seguinte apresentou um novo trabalho<sup>49</sup>, que foi aceito. Durante esse período, participou ativamente de debates e eventos que colocaria seu pensamento alinhado aos pensadores universitário daquele momento. Em 1952, começou a publicar diversos ensaios sobre a situação de trabalhadores e o negro na sociedade francesa. Sua tese que havia sido recusada, *Peles negras, máscaras brancas* é publicado no mesmo ano.

Na obra *Peles negras, máscaras brancas* o autor discutiu os impactos do colonialismo e do racismo na psique dos colonizados e colonizadores mostrando os mecanismos coloniais usados para o processo de alienação. Em 1953, Fanon mudou-se para a Argélia para atuar como médico e realizar estudos sobre os problemas enfrentados pela população.

Ao perceber o sofrimento que a população local convivia e a brutalidade do colonialismo francês, Fanon demitiu-se do seu emprego enviando uma carta ao Ministro Residente, em 1956, e entra como membro na Frente de Libertação Nacional Argelina. Diversos ensaios são publicados no período sobre a situação da população argelina e o desenrolar da guerra. Nos textos Fanon apresentava suas visões sobre o processo de descolonização e do racismo colonial. Sua principal obra resultado dessa experiência foi *Os condenados da Terra*(1961) que contou com um prefácio de Jean-Paul Sartre. Essa obra foi escrita em poucos meses, aproximadamente dez, época em que Fanon descobriu que estava de leucemia, vindo a falecer no mesmo ano.

No livro Fanon encarava a descolonização como um fenômeno violento. Neste processo haveria substituição de uma “espécie” de homem por outra, resultado das experiências e fatores de violência do colonialismo e sua extinção.

Ao analisar o mundo colonial, Fanon notou que a divisão é algo extremamente presente. Tudo é dividido. A famosa frase *dividir para dominar* impera nas questões cotidianas como a existência de cidades europeias e cidades indígenas, de escolas e hospitais para nativos e outra para europeus.

Nesse mundo colonial, “as zonas habitadas pelos colonizados não é complementar a zona habitada pelos colonos”<sup>50</sup>, são áreas de constantes oposições e não vivem em função de uma unidade. O princípio que rege a lógica dessas localidades é unicamente a exclusão recíproca, não existindo conciliação entre esses lugares. Entretanto, o mundo do colono mesmo sendo hostil é um mundo que causa inveja. De acordo com Fanon, “o colonizado sonha sempre em se instalar no lugar do colono”<sup>51</sup>.

O ordenamento desse mundo colonial é presidido pela violência. Existe o emprego de mecanismos de brutalidade e opressão que acabaram com as formas sociais nativas. Desta forma, ao iniciar o processo de descolonização existe uma imagem muito clara aos indígenas o que ele tem para desmanchar: o mundo colonial. Este é plano concreto e visível pelos hábitos econômicos, políticos e sociais que foram impostos pelo colonizador. Fanon assinalava que

Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. Desmanchar o mundo colonial não significa depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território.

O desmanche do mundo colonial é a quebra da supremacia dos valores brancos. O colonizado depois de sofrer tanta agressividade e brutalidade do colonialismo voltasse completamente contrários aos seus hábitos e costumes impostos. Para Fanon, as instituições utilizadas pelo colonialismo não buscaram igualar o colonizado com o colonizador, mas impor valores opressivos. Fanon observou que a Igreja era um desses principais mecanismos:

A Igreja nas colônias é uma Igreja de Brancos, uma igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado para a via de Deus, mas para a via do homem Branco, a via do patrão, a via do opressor. E como sabemos, neste negócios são muita os chamados e poucos os escolhidos<sup>52</sup>.

Para Frantz Fanon a imposição dos valores brancos ao colonizados é visto como uma forma de fazer a sua História. Tudo no colonialismo volta-se a história de sua metrópole, indicando que a colônia é apenas um prolongamento desta. Assim, a história que o

colonizador busca contar “não é a história da região por ele saqueada, mas a história de sua nação no território explorado”<sup>53</sup>.

O colonialismo sendo um sistema que estraçalha os valores do colonizado faz com que este tente se libertar em lutas periódicas. A esperança de alcançar a independência trouxe aos homens colonizados uma oportunidade de reparação moral e edificação de sua dignidade. Assim, para Fanon<sup>54</sup>, a luta de libertação da Argélia não é uma disputa pela existência de uma Argélia argelina ou uma Argélia francesa, mas entre uma Argélia independente e uma Argélia colonial. Para o povo argelino a luta armada indicava uma possibilidade de libertação total, mas depositando sua confiança nos mecanismos de violência.

De acordo com Frantz Fanon, a violência gerada pela luta de libertação colonial será “proporcional à violência exercida pelo regime colonial contestado”<sup>55</sup>. A partir de uma perspectiva marxista, Fanon analisava que o papel do colono nas guerras de libertação é tornar impossível qualquer tentativa de independência dos colonizados. Ao mesmo tempo, o colonizado teria como trabalho “imaginar todas as combinações eventuais para aniquilar o colono”<sup>56</sup>. Fanon completa ainda que

A criminalidade do argelino, sua impulsividade, a violência de seus assassinatos não são portanto a consequência de uma organização do sistema nervoso nem uma originalidade do caráter, mas o produto direto da situação colonial<sup>57</sup>.

O domínio colonial impôs a desarticulação total dos povos subjugados. A tomada de terra praticado pela França ao longo da dominação da Argélia representava uma das primeiras etapas para a constituição do mundo colonial. Ao reivindicar as terras tomadas, os argelinos demonstrava a sua luta pela sobrevivência nesse mundo imposto e que a terra pertence a quem cultiva<sup>58</sup>.

Frantz Fanon percebe que a vida de um colonizado em um contexto de violência e miséria, como os colocados a população argelina, não era tentar adquirir os valores impostos pela colonização europeia, mas a sobrevivência dentro desse sistema de opressão. Assim, ele acredita que “viver é não morrer. Existir é manter a vida”<sup>59</sup>.

No decorrer do seu pensamento, percebemos que para Fanon o racismo era um dos principais meios de sustentação do colonialismo. Sua lógica era se embasar na possível “superioridade” do colonizador devido seus mecanismos técnicos e sua cultura. Entretanto, devemos entender que o racismo é anterior as práticas coloniais. Em períodos antigos haviam mentalidades agressivas e jocosas de outros povos ou mesmo o imaginário sobre o continente africano durante a Idade Média e as Grandes Navegações. De acordo com Gislene Santos, “o

racismo é uma ideologia e, como tal, também foi concebido como uma estratégia de poder em acordo com as expectativas de uma determinada sociedade”<sup>60</sup>.

O racismo dentro do sistema colonial foi utilizado para a inferiorização do outro, o colonizado era tratado de uma forma desumanizada ou sub-humana dentro dos princípios dessa lógica. Os métodos raciais na colonização buscaram pretensões científicas, para fazer o colonizador acreditar que é superior ao colonizado. Entretanto, não se deve encarar o racismo do colonizado da mesma forma que o do colonizador. O primeiro é uma resposta ao sistema de opressão vivido. Fanon defendia que os povos que lutavam pela libertação colonial raramente legitimavam o racismo como instrumento para suas liberdades. Assim, os povos colonizados empregavam uma luta nitidamente mais humano.

Fanon percebia que o racismo era o elemento mais perceptível dentro do cotidiano colonial. Para ele, era importante entender a relação do racismo com a cultura e levantas suas reciprocidade, assim “se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural”<sup>61</sup>.

Ao analisar a guerra de libertação colonial, Fanon notava que o embate era um confronto entre culturas, mas nela estaria presente o caráter comercial gigantesco. Esse choque cultural que alimentaria as práticas racistas. Assim, para Frantz Fanon o racismo colonial teria outras propriedades para sua execução e legitimação:

O racismo entra pelos olhos dentro precisamente porque se insere num conjunto caracterizado: o da exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro que chegou a um estágio de desenvolvimento técnico superior. É por isso que, na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo<sup>62</sup>.

Para Frantz Fanon, a luta de libertação da Argélia era uma Revolução, pois restituía a existência nacional de um povo. Propunha uma sociedade nova, não sendo apenas o fim do colonialismo, mas o completo desaparecimento de práticas que o sustentava como o racismo e a exploração do homem. Além disso, era um processo revolucionário por influenciar a luta de outros povos coloniais para as suas independências<sup>63</sup>. Para ele, o povo argelino sabia que outros povos acompanhavam com simpatia e entusiasmo os acontecimentos do conflito contra a França.

A reivindicação de independência da FLN era uma forma de permitir o povo argelino escolher totalmente o seu destino. De acordo com Fanon



A FLN não jogou com as palavras. Disse que o seu objetivo era a independência, que nenhuma concessão poderia ser feita quanto a este objetivo. A FLN disse aos franceses que era preciso negociar com o povo argelino, restituir-lhe o seu país, todo o seu país<sup>64</sup>.

Desde o início do processo revolucionário da Argélia, um grande número de agricultores europeus passaram a financiar a luta armada. Em consequência disso, muitos foram torturados pelo exército francês considerado “cúmplices do inimigo”<sup>65</sup>. De acordo com Fanon, muitos franceses pagaram com a própria vida por aderirem a luta de libertação argelina. Na obra *Sociología de una revolución*, uma coletânea de ensaios de Frantz Fanon, foi apresentado o depoimento de dois franceses que aderiram ao movimento argelino. O primeiro deles, o testemunho de Charles Geromini, mostrou que foi bem aceito pelos argelinos dentro do movimento de libertação:

Hace un año que estoy en la Revolución argelina. Recordandn algun os contactos difíciles y ambíguos del principio de la Revolución, tive miedo de provocar desconfianzas. Tal cosa no se presentó nunca. Fui acogido como todos los argelinos. Para los argelinos no soy um aliado, sino um Hermano, um simple Hermano como los otros<sup>66</sup>.

Já o segundo testemunho de Ivo Bresson apresentava a identificação deste como argelino e sua posição com a causa reivindicada com a luta de libertação colonial:

Muy pronto adquiri consciência de que pertencia al bando de quienes luchaban por una nación argelina. Los innumerables torturas que tive la ocasión de presenciar en el desempeño de mis funciones, reforzaron mi ódio al colonialismo: argelinos desgarrados por dos camiones militares que avanzaban em sentido contrario, las clásicas torturas del agua, de la electricidad; hombres colgados de los pulgares, de los testículos... (...) Mi conducta se debe o que soy argelino. No tengo la impresión de Haber traicionado a Francia. Soy argelino y como todos los argelinos hi combatido y continuo combatiendo contra el colonialismo. Em mi calidad de ciudadano argelino consciente, mi lugar está al lado de los patriotas. Es lo que ha hecho<sup>67</sup>.

Para Fanon, em seus momentos finais, o colonialismo francês empreendeu uma das suas últimas tentativas finais para tentar oprimir e dominar os argelinos: a tortura. Para o militante, a tortura era uma das últimas tentativas do sistema colonial tentar manter o controle psicológico sobre o colonizado.

## **Bourdieu e a desestruturação do colonialismo**

Pierre Bourdieu, um dos grandes intelectuais da segunda metade do século XX, também escreveu sobre a questão do colonialismo e suas influências em sociedades nativas. De 1958 a 1960, durante seu período de serviço militar na Argélia, realizou pesquisas naquela

localidade sobre os impactos culturais e sociais do colonialismo na vida das populações locais.

Em seus textos sobre a temática, Bourdieu levantava questionamentos de como era a passagem de uma sociedade tradicional para uma voltada a economia de mercado e quais era suas implicações para a vida local. Além disso, Bourdieu<sup>68</sup> entendia que existia uma relação direta entre as estruturas econômicas e as estruturas simbólicas de uma sociedade colonial, no caso a estudada por ele foi a de cabila.

Seu período na Argélia é decisivo para sua formação como sociólogo. Sua pesquisa de campo fez produzir diversas obras voltadas para questões etnológicas da Argélia<sup>69</sup>. As regiões que mais voltou suas pesquisas foram de Kabylie e Collo, regiões fortemente nacionalistas onde a luta de libertação colonial iniciou-se. Assim, Bourdieu utilizou sua experiência nas localidades como “grande laboratório social”. Para ele:

Bajo la colonización francesa, la introducción brutal de principios económicos extraños en todos los sentidos del término (destrucción rápida de un modo de producción agrario y de los lazos de solidaridad tradicionales que lo acompañan, precariedad económica e social, desarraigo geográfico y cultural) hacía de la sociedad argelina de la época un terreno de observación sociológica particularmente rico<sup>70</sup>.

Os escritos de Bourdieu eram radicalmente políticos e comprometidos, buscava descrever tudo que testemunhava e mostrava as contradições e anacronismo em um mundo social desorientado pelo colonialismo.

Para ele, a guerra de libertação constituía o primeiro questionamento radical do sistema colonial, diferente de outras épocas não era uma medida simbólica, mas algo prático e real. O conflito na Argélia constituía uma linguagem que fazia dar voz a sua população e essa voz dizia não aos horrores e práticas cometidas pelo colonialismo<sup>71</sup>.

A guerra ajudou a mostrar a população que a situação de dominação poderia ser questionada, como suas situações de dominados:

La guerra era, en primer lugar, como una aventura por episodios, vivido por cada argelino día a día y em el horizonte de su pueblo. Poco a poco, mediante los intercambios de informaciones, a través de lá confrontación de los experiencias, cada uno viene a saber que los mismos acontecimientos se producen en diferentes lugares. El sentimiento de estar comprometido en una aventura común, de sufrir una suerte común, de compartir las mismas preocupaciones, de afrontar los mismos adversarios, há determinado un ensanchamiento del espacio social; el pueblo replegado sobre sí, microcosmos cerrado en el que vivía el campesino, se ha abierto; el sentimiento de solidaridad se ha extendido hasta los limites de Argelia<sup>72</sup>.

A tomada de consciência acarretada diante do conflito determinou uma verdadeira mudança sociológica em sua população, de acordo com Bourdieu. A essa condição agrega-se

ao cenário instalado pelo conflito as migrações forçadas, a insegurança generalizada e medidas administrativas e pelos exércitos para conter as reivindicações.

Essas mudanças sociológicas observadas estão na desagregação cultural que Bourdieu observou em sua pesquisa de campo. Assim, para ele, os pilares tradicionais foram abalados profundamente com o colonialismo e a guerra. Um dos exemplos analisados pelo autor é a maior autonomia que as mulheres casadas ganharam com o conflito<sup>73</sup>.

De acordo com Bourdieu, a guerra, devido sua natureza, amplitude e duração reconfiguraram a sociedade local, fazendo uma verdadeira revolução social:

La burguesía urbana ha sido desagregada; los valores que encarnaba han sido arrastrados por la irrupción de las ideologías nuevas. Los grandes feudos, frecuentemente comprometidos por el apoyo, que otorgaban a la administración colonial y asociados por ello, para el pueblo al sistema de opresión, han perdido, la mayoría de los veces, su potencia material y su autoridad espiritual. La masa rural que oponía un conservadurismo obstinado a las innovaciones propuestas por Occidente se há encontrado arrastrada em el tabellino de la violéncia que hace tabula rasa del pasado. El Islam mismo, por haber sido utilizado, más o menos conscientemente, como una ideología revolucionaria, ha cambiado progresivamente de significación y de función. (...) Se puede augurar que la paz retomada defará descubrir una Argelia completamente diferente de la Argelia em la cual la guerra há comenzado, una Argelia profundamente revolucionaria porque profundamente revolucionada<sup>74</sup>.

Os efeitos da guerra não seriam negativos, mas transformadores. A população consciente ao longo do conflito possibilitaria uma mudança radical na Argélia que mudaria estruturalmente sua sociedade.

Em sua obra *Sociologia da Argélia*<sup>75</sup>, publicada em 1958, Bourdieu buscava dar uma visão completa e real da complexidade da população nativa e do país. O autor apresentou particularidades da sociedade local e as opressões sofridas por eles pelo colonialismo francês.

Uma das primeiras coisas que o sociólogo notou foi que a expropriação de terra desestabilizou o sistema tradicional de relações existentes fazendo com que diversas chefias locais lutassem entre si e isso foi aproveitado pelo colonialismo para expandir-se na localidade. Bourdieu buscou entender a lógica do funcionamento da estrutura do sistema colonial:

La sociedad colonial es un sistema del que es importante comprender la lógica y la necesidad internas, pres constituye el contexto de referencia em el que tomam sentido todos los comportamientos y, em particular, las relaciones emtre las dos comunidades étnicas. A las transformaciones que inevitablemente resultan del contacto emtre dos civilizaciones profundamente diferentes tanto em el ámbito econômico como em el ámbito social, la colonización anáde unos câmbios radicales provocados consciente y metódicamente para asegurar la autoridad de la potencia dominante y los intereses econômicos de sus residentes. Así, las grandes leyes territoriales, esencialmente el Acantonamiento, el Senatus Consulte de 1863 y la Ley Warnier de 1873, han sido concebidos por sus propios promotores como

instrumentos de desintegración de las estructuras fundamentales de la economía y de la sociedad<sup>76</sup>.

Com a tomada de terra, Bourdieu percebeu que ocorriam avanços na agricultura colonial enquanto aconteciam recuos na agricultura autóctone. Assim, a tomada de terra gerou uma desintegração de costumes tradicionais para aquela população que teve seu principal bem de subsistência tomado pelo sistema colonial.

Ao longo do processo colonial na Argélia foram criados mecanismo de separação entre a população autóctone e a europeia. Cada vez menos os europeus conheciam a verdadeira situação da população árabe, segundo Bourdieu<sup>77</sup>. Os colonizadores viviam na cidade cercado entre os seus, desta maneira conheciam cada vez menos a miséria e opressão que assolava a população local.

Para Bourdieu, essa separação significava que a sociedade colonial vivia em um sistema de casta com duas comunidades justapostas e distintas. E para legitimar esse sistema haveria o racismo para racionalizar esta situação e parecer que exista uma ordem para ela sobreviver. A sociedade europeia buscava pela lógica o racismo transformar seus privilégios em direitos<sup>78</sup>.

### **Considerações Finais**

A luta de libertação da Argélia teve papel fundamental para a segunda metade do século XX. Grande impacto causou na independência de outros países africanos e asiáticos, além de suas influências políticas sobre sua antiga metrópole.

A guerra de independência argelina mostrou a importância do pensamento de diversos pensadores sobre o colonialismo e seus efeitos. O colonizado era desumanizado na medida que a colonização avançava sobre seu território e o colonizador era um agente duplo deste processo, ao mesmo tempo que era uma peça dentro do sistema colonial tornou-se vítima também das explorações e desmazelos da colonização. Ao apresentarmos três interpretações buscamos trazer suas aproximações e contrastes.

Sartre buscava interpretar as consequências sociais e políticas da descolonização, entendendo seus efeitos na Argélia e na França. Seus posicionamentos foram ímpares em compreender a racionalização de um sistema que buscava a desumanização do homem. Já Fanon, além de compreender os efeitos da colonização, militou ao lado dos argelinos pela sua independência. Seus escritos do período são de fundamental importância para os estudos pós-

coloniais que vieram a seguir. Tanto Sartre quanto Fanon, entendiam a luta de libertação como uma consequência de luta de classes, assim suas interpretações tiveram viés marxista.

No caso de Bourdieu, a experiência argelina serviu como um laboratório para construção do seu pensamento sociológico e etnológico. Seus textos sobre a questão da Argélia mostravam seu comprometimento pela busca da compreensão daquele sistema que conviveu durante alguns anos e que considerava perverso para o ser humano: o colonial.

## Notas

<sup>1</sup> FERRO, Marc. *História das Colonizações: das Conquistas às Independências (século XIII a XX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 149.

<sup>2</sup> ABUN-NASR, Jamil. *A history of the Magrib in the Islamic period*. Cambridge: University Press, 1987, p. 151

<sup>3</sup> YAZBEK, Mustafa. *Argélia: a guerra e a independência*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 12.

<sup>4</sup> YAZBEK, Mustafa. *A Revolução Argelina*. São Paulo: Unesp, 2010, p. 46.

<sup>5</sup> YAZBEK, Mustafa. *Argélia: a guerra e a independência*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 18.

<sup>6</sup> YAZBEK, Mustafa. *Op. cit.*, p. 24.

<sup>7</sup> CHENNTOUF, Tayeb. O chifre da África e a África setentrional IN: UNESCO. *História Geral da África: África desde 1935*. Brasília: Unesco, 2010., p. 60.

<sup>8</sup> As declarações foram Declaração do Comitê Francês de Libertação Nacional, em 8 de dezembro de 1943; Discurso de De Gaulle em Constantine, em 12 de dezembro de 1943, Conferência de Brazzaville, em janeiro-fevereiro de 1944.

<sup>9</sup> YAZBEK, Mustafa. *Op. cit.*, p. 28.

<sup>10</sup> YAZBEK, Mustafa. *Op. cit.*, p. 29.

<sup>11</sup> ARON, Raymond. *La tragédie algérienne*. Paris: Plon, 1957, p. II.

<sup>12</sup> O ministro do interior do governo Mendès France, François Mitterrand, proferiu a seguinte frase em um discurso em novembro de 1954: "A Argélia é a França. Quem dentre vós hesitaria em empregar todos os meios para salvar a França?". IN: HRBEK, Ivan. *A África setentrional e o chifre da África*. IN: UNESCO. *História Geral da África: África desde 1935*. Brasília: Unesco, 2010., p. 156.

<sup>13</sup> ARON, Raymond. *Op. cit.*, p. 6.

<sup>14</sup> ARON, Raymond. *Op. cit.*, p. 55.

<sup>15</sup> ARON, Raymond. *Op. cit.*, p. 7.

<sup>16</sup> Os líderes foram Ait Abmed, Mohammed Boudiaf, Ben Boulaid, AbmedBem Bella, Mourad Didouche, Rabah Birat, Larbi Ben M'Hidi, Belkassem Krim e Mohammed Khider.

<sup>17</sup> As áreas ficaram sob as seguintes lideranças Zona 1 chefiada por Ben Boulaid (região de Aures), Zona 2 chefiada por Mourad Didouche (região Constantina), Zona 3 chefiada por Belkassem Krim (região de Cabília), Zona 4 chefiada por Rabah Birat (região de Argel), Zona 5 chefiada por Larbi Ben M'Hidi (região de Oran) e Mohammed Boudiaf foi encarregado de coordenação entre as zonas.

<sup>18</sup> HRBEK, Ivan. *Op. cit.*, p. 163.

<sup>19</sup> SAMPAIO, Thiago Henrique. O discurso de Jean-Paul Sartre sobre o colonialismo francês e a Guerra de Independência da Argélia (1954-1962). *Revista Filogênese*. Vol. 6, nº 1, 2013, p. 33.

<sup>20</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Colonialismo e Neocolonialismo (Situações V)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p. 131.

<sup>21</sup> A revista *Les Temps modernes* teve um importante papel de divulgação intelectual no período pós-guerra sendo um periódico de crítica literária, filosofia e política. Ficou conhecida como a revista de Sartre. Sua publicação começou em outubro de 1945 e continua até os dias de hoje. O nome da revista é baseada no filme de mesmo título de Charles Chaplin, Tempos Modernos (1936).

<sup>22</sup> ALMEIDA, Rodrigo Davi. *As posições políticas de Jean-Paul Sartre e o Terceiro Mundo (1947 – 1979)*. Tese do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, 2010, p. 83

<sup>23</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 21.

<sup>24</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 22.

<sup>25</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 26-27.

- <sup>26</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 27.
- <sup>27</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 27.
- <sup>28</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 28.
- <sup>29</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 23.
- <sup>30</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 29.
- <sup>31</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 31.
- <sup>32</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 31.
- <sup>33</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 33.
- <sup>34</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 43.
- <sup>35</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 45.
- <sup>36</sup>SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. IN: FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 9.
- <sup>37</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 10.
- <sup>38</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Colonialismo e Neocolonialismo* (Situações V). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p. 69.
- <sup>39</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 39.
- <sup>40</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 22.
- <sup>41</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 84.
- <sup>42</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 108.
- <sup>43</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 34.
- <sup>44</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 39.
- <sup>45</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 98.
- <sup>46</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 121.
- <sup>47</sup>SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, p. 115.
- <sup>48</sup>FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 219.
- <sup>49</sup> O trabalho de Fanon que foi aceito pela banca avaliado se chamava *Troubles mentaux et syndromes psychiatriques dans l'hérédité dégénérative-spino-cérébelleuse – Uncas de maladie de Friereichavecdélire de possession*.
- <sup>50</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 28.
- <sup>51</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 39.
- <sup>52</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 31.
- <sup>53</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 38.
- <sup>54</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 70.
- <sup>55</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 69.
- <sup>56</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 73.
- <sup>57</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 266.
- <sup>58</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 157.
- <sup>59</sup>FANON, Frantz. *Op. cit.*, p. 265.
- <sup>60</sup>SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, Exóticos, Demôníacos. Ideias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº2, p.275-289, 2002, p.277.
- <sup>61</sup>FANON, Frantz. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1980, p. 35.
- <sup>62</sup>FANON, Frantz. *Op. Cit.*, p. 42.
- <sup>63</sup>FANON, Frantz. *Op. Cit.*, p. 126.
- <sup>64</sup>FANON, Frantz. *Op. Cit.*, p. 124.
- <sup>65</sup>FANON, Frantz. *Sociología de una revolución*. México: Ediciones Era, 1976, p. 134.
- <sup>66</sup>FANON, Frantz. *Op. Cit.*, p. 146.
- <sup>67</sup>FANON, Frantz. *Op. Cit.*, p. 147-149.
- <sup>68</sup>BOURDIEU, Pierre. *Argelia: imágenes del desarraigo*. Madri: Centro de Estudios Mexicanos y Centro Americanos, 2008, p. 10.
- <sup>69</sup> Em 1958, Bourdieu publicou dentro da coleção *Que sais-je?* a obra *Sociologia da Argélia*. Após a independência, em 1963, em colaboração com Alain Darbel, Jean-Paul Rivet e Claude Seibel o livro *Travail et travailleurs em Algérie*. Em 1964, juntamente com o argelino Abdelmalek Sayad foi publicada as obras *La crise de l'agriculture traditionnelle em Algérie e Le Déracinement*. Além disso, suas principais obras como *A dominação masculina* foram fortemente influenciadas pela experiência vivida na Argélia e seus contatos com as populações locais.
- <sup>70</sup>BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 20.
- <sup>71</sup>BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 62.

<sup>72</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 69.

<sup>73</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 80.

<sup>74</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 81.

<sup>75</sup> No artigo utilizamos a versão espanhola da obra que se chama *Antropología de Argelia*.

<sup>76</sup> BOURDIEU, Pierre. *Antropología de Argelia*. Madrid:Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007, p. 142.

<sup>77</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 148.

<sup>78</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 149.

## Referências Bibliográficas

ABUN-NASR, Jamil. *A history of the Magrib in the Islamic period*. Cambridge: University Press, 1987.

ALMEIDA, Rodrigo Davi. *As posições políticas de Jean-Paul Sartre e o Terceiro Mundo (1947 – 1979)*. Tese do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, 2010.

ARON, Raymond. *La tragédie algérienne*. Paris: Plon, 1957.

BOURDIEU, Pierre. *Antropología de Argelia*. Madrid:Editorial Universitaria Ramón Areces, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Argelia: imágenes del desarraigo*. Madri: Centro de Estudios Mexicanos y Centro Americanos, 2008.

CHENNTOUF, Tayeb. O chifre da África e a África setentrional IN: UNESCO. *História Geral da África:África desde 1935*. Brasília: Unesco, 2010.

FANON, Frantz. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1980.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. *Sociología de una revolución*. México: Ediciones Era, 1976.

FERRO, Marc. *História das Colonizações: das Conquistas às Independências (século XIII a XX)*. São

Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAMPAIO, Thiago Henrique. O discurso de Jean-Paul Sartre sobre o colonialismo francês e a Guerra de Independência da Argélia (1954-1962). *Revista Filogênese*. Vol. 6, nº 1, 2013, p. 27-38.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Ideias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº2, p.275-289, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *Colonialismo e Neocolonialismo (Situações V)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. IN: FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

YAZBEK, Mustafa. *A Revolução Argelina*. São Paulo: Unesp, 2010.

YAZBEK, Mustafa. *Argélia: a guerra e a independência*. São Paulo: Brasiliense, 1983.